

CHARGE: UMA ABORDAGEM TEXTUAL E DISCURSIVA DA REALIDADE

TOLEDO, Edilaine Gonçalves Ferreira de.

Cefet-MG – Campus Varginha

edigonfer@hotmail.com

RESUMO: é por sua materialidade temporal, caricaturando uma situação, que a charge agrega, com maestria, uma rica interação discursiva e interdiscursiva entre seus leitores-interlocutores, e ocupa, em diversos suportes textuais como jornais, revistas e sites de internet, um lugar em que a graça, o humor e a ironia constroem novas opiniões, aprofundam velhas ideias e abrem caminho para o aprimoramento da leitura e compreensão de textos, em diferentes contextos e níveis. A dimensão plurissignificativa da realidade que a charge apresenta em sua forma e conteúdo, e também no que se refere ao seu gênero e discurso, é que traz a inovação mais eficiente, bem humorada e bastante produtiva às salas de aula, intencionando, assim, aprimorar e aprofundar processos cognitivos de leitura e interpretação.

PALAVRAS-CHAVE: charge; discurso; contemporaneidade; leitura.

1. Introdução

Vivemos em uma sociedade contemporânea que muito seduz pela imagem, e a charge, através do chargista que a compõe, diariamente, propõe um novo paradigma, uma forma transcendente de buscar significados para o momento em que se vive, remontando novas linguagens e formatos que atendam a novos públicos e a novas situações de leitura.

A dimensão plurissignificativa da realidade que a charge apresenta em sua forma e conteúdo, e também no que se refere ao seu gênero e discurso, é que traz a inovação mais eficiente, bem humorada e bastante produtiva às salas de aula, intencionando, assim, aprimorar e aprofundar processos cognitivos de leitura e interpretação.

Por seu caráter crítico e irônico acerca de uma realidade, a charge, enquanto tipo textual que alia a imagem e o texto em sua composição, e enquanto gênero textual que constrói uma argumentação e reconstrói uma narrativa que exagera na descrição, potencializando a interpretabilidade sobre aquilo que critica, constitui-se, de fato, em poderoso veículo linguístico que viabiliza o trabalho com a leitura, em diferentes níveis e diferentes leitores, de forma mais eficiente, atraente e prazerosa.

E isso em nossa sociedade não é novo, visto que no Brasil, em revistas como *Tico Tico*, *Para Todos*, *O Malho* e *O Careta*, desde o tempo do Império, essa prática de retratar um fato, em mescla peculiar de imagem e texto, trazendo com o humor um refinamento de opiniões sobre o ocorrido, e também para além dele, já era algo muito comum.

É por sua materialidade temporal, caricaturando uma situação, segundo FERREIRA (2006), que a charge agrega, com maestria, uma rica interação discursiva e interdiscursiva entre seus leitores-interlocutores, em conformidade com CHARAUDEAU (2006), e ocupa, em diversos suportes textuais como jornais, revistas e sites de internet, um lugar em que a graça, o humor e a ironia constroem novas opiniões, aprofundam velhas ideias e abrem caminhos para o aprimoramento da habilidade de leitura, com diversos gêneros, em diferentes contextos e níveis de ensino.

2. A charge e sua estrutura

A caricatura é traço artístico que o chargista delinea em seu texto não verbal que representa e critica algo em determinado contexto: é através do traço exagerado da realidade que a charge consolidou-se como texto que carrega aspectos discursivos da realidade, ora implícitos, ora explícitos, e que estes aspectos denotam inúmeras leituras e interpretações que podem e precisam ser trabalhadas mais profundamente, já que são críticas ao nosso dia a dia, no que somos ou desejamos ser enquanto indivíduos sociais que somos, inseridos em situações que exigem de nós reflexões e atitudes singulares.

Como a charge é um texto temporal e cultural na maioria de sua produção, pois são poucas as que se eternizam na lembrança e compreensão do leitor, muitas vezes, só sentido que poderia ser óbvio em primeiro momento, pode não ser interpretado, entendido, e daí torna a charge um pouco distante da compreensão de alguns leitores. E, às vezes, o que deveria ser de início compreensível, passa a ser indecifrável.

Mas nem por isso a carga discursiva da charge é desfeita: pode ser diminuída, mas não extinta, já que o sentido ali permanece, em tom de ironia, de crítica, ou apenas, de humor, como confirma-se em Barthes, “*O prazer do texto*”:

É evidente que o sentido obtuso é a própria contranarrativa; disseminado, reversível, preso à sua própria duração, pode apenas inaugurar outro corte, diferente daquele dos planos, sequências e sintagmas; um corte desconhecido, antilógico, e no entanto, verdadeiro... (BARTHES, 1978, p.56)

Para Maingueneau, 2007, p. 145:

“Limitar o universo discursivo unicamente aos objetos linguísticos constitui sem dúvida alguma um meio de precaver-se contra os riscos inerentes a qualquer tentativa 'intersemiótica', mas apresenta o inconveniente de nos deixar muito aquém daquilo que todo mundo sempre soube, a saber, que os diversos suportes intersemióticos não são independentes uns dos outros, estando submetidos às mesmas escanções históricas, às mesmas restrições temáticas...” (MANGUENEAU, 2007, p.145)

Assim, seja desenhando a realidade com as falas e chavões marcantes sobre determinado aspecto social, político, histórico ou cultural de nossa realidade, seja apenas satirizando algum outro assunto relevante ao contexto dos grupos sociais existentes, a retrata nossa realidade de forma singular e apresenta vários discursos entrelaçados acerca da mesma, que carecem de estudo e reflexão, sobretudo por parte de nossa juventude, no ensino médio.

3. Compreender e utilizar o verbal e o não verbal como leitura proficiente

Desde sua implantação, a Nova Lei de Diretrizes e Base Nacional (LDBN 9396/96) pressupõe para o Ensino Médio um ensino pautado em habilidades e competências, visando suprir defasagens desse segmento, sobretudo no que se refere ao mundo do trabalho, ao ensino profissionalizante, em especial aqui o Ensino Profissionalizante Técnico de Nível Médio – EPTNM, popularmente chamado de ensino médio técnico tecnológico.

É neste sentido que a charge, em sua peculiaridade de texto verbal e não verbal, expressa-se como significativo instrumento de formação e aprimoramento da habilidade leitora desse jovem de ensino médio, bem como de formação e representação cidadã dele no que se refere ao seu conhecimento sólido e consciente sobre o lugar onde vive, onde está inserido.

Ela revela também, de forma explícita e/ou implícita, que valores constroem a identidade desse jovem: o que eles conhecem e não conhecem de seu meio, o que acham certo

ou errado em sua sociedade, o que lhes dá medo e/ou os encorajam, e o que desejam e não desejam para ela. Enfim, mostra que é essa juventude e para onde ela pretende ir, consciente disso ou não.

É essa abordagem textual e discursiva da realidade que a charge agrega em si, como suporte textual que descreve e narra uma realidade, ao mesmo tempo que implicitamente ou não, constrói e reconstrói sentidos a partir de seus elementos, e assim torna-se um elemento didático valioso em sala de aula que pode sinalizar níveis de leitura e interpretação que um jovem leitor de ensino médio, por exemplo, pode apresentar, como bem marca KOCH (2010) em *“Ler e compreender os sentidos do texto”*:

“ O sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos e não algo que preexista a essa interação. A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.” (KOCH, 2010, p.11)

Ela também sinaliza que no processo interativo que a linguagem realiza todo o tempo, de leitura e construção de sentidos, todo o contexto que o leitor está inserido e repete através de seu conhecimento de mundo, demonstra aspecto importante na proficiência de leitura de qualquer texto:

“... a leitura é uma atividade na qual se leva em conta as experiências e os conhecimentos do leitor; a leitura de um texto exige do leitor bem mais que o conhecimento do código linguístico, uma vez que o texto não é simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado por um receptor passivo.”(KOCH, 2010, p.11)

E assim como esse jovem de ensino médio, que é cercado de multiplicidades da era da informação (LUCAS,2001) , além de muita vivacidade e irreverência típicas de sua faixa etária, a charge com sua carga irônica, debochada, caricata e de acentuado teor crítico sobre o que retrata, torna-se recurso valioso para atrair esse jovem leitor para um universo mais intenso da competência leitora e de formação de cidadania (LDBN, 1996) , pois tendo maior contato com esse tipo de leitura, a verticalização da mesma, em seu teor cognitivo de abstração de conhecimentos, será o processo pretendido na construção de um jovem leitor mais consciente de si , de seu meio e capaz de fazer e refazer novas leituras, ampliando seus conhecimentos, com uma inserção mais ativa e transformadora nos espaços onde se encontra.

No que tange ao estigma da representação, compreender, de fato, a realidade em que se vive é o primeiro requisito que denota o perfil de um leitor funcional, consciente de si e de seu entorno, já que compreender seu mundo, analisá-lo e interferir sobre ele, revela quem é o jovem leitor cidadão dessa segunda década de nosso século e como ele ocupa seus espaços sociais, como demonstra CHARAUDEU, 2008, p.20:

“O ato de linguagem não pode ser concebido de outra forma a não ser como um conjunto de atos significadores que falam o mundo através das condições e da própria instância de sua transmissão.”

Esse aprofundamento da habilidade leitora viabiliza também um importante aspecto da formação desse jovem contemporâneo: sua formação cidadã, no que se refere ao contexto

social, histórico, cultural e político do meio onde está inserido, pois a charge é um espelho da realidade vigente, e dessa forma, lendo e compreendendo, na íntegra, o que a charge diz, através da semiótica de seu discurso amplamente irônico e contestador, como bem demarca MAINGUENEAU (2007), interpreta-se, de fato, o que acontece na sociedade brasileira. E sem contar que com isso temos um retrato significativo de quem é essa juventude, atualmente, e pressupor, a partir disso, como ela será daqui em diante.

Ou seja, como bem pontua FREIRE (1983), o processo do ato de ler vai muito além dos livros e bancos escolares, muito além da simples decodificação de signos gráficos : ler o mundo tem um caráter muito mais profundo, no que concerne à habilidade leitora, em compreender, interpretar e extrapolar toda a tessitura de um enunciado linguístico (BAKHTIN, 2001), seja em forma verbal, escrita, oral ou imagética (CHAUÍ, 2006).

E ainda: mostra a conjuntura ideológica em torno que representa um efetivo e consolidado trabalho com a leitura para nossa juventude, desde muito tempo, em nossa sociedade brasileira. Isso confirma-se com o que KOCH diz:

“A leitura e a produção de sentido são atividades orientadas por nossa bagagem sociocognitiva: conhecimentos da língua e das coisas do mundo... (lugares sociais, crenças, valores, vivências)...o sentido não está apenas no leitor, nem no texto, mas na interação autor-texto-leitor. Por isso é de fundamental importância que o leitor considere na e para a produção de sentido as sinalizações do texto, além dos conhecimentos que já possui”(KOCH, 2010, p.21)

O processo de refinamento de leitura e de formação de cidadania engendram-se em alguns aspectos, como: inferência, interpretabilidade, dedução, reconhecimento e compreensão do pictórico, e esses aspectos estão presentes na composição e significação da charge.

A charge, enquanto veículo linguístico de representação social e política, portador de inúmeros discursos que se convergem para retratar parodicamente uma determinada realidade, congrega em si muitos elementos de sua composição híbrida e singular, de imagem e texto, que evidenciam hoje, conforme ZILBERMAN (2004), algumas dificuldades de recepção de sentidos, de significados, que muitos estudantes de Ensino Médio revelam em seu cotidiano escolar quanto à leitura e compreensão de textos, em variados gêneros: leem textos, mas não os entendem, isto é, o aprofundamento da habilidade leitora e formação cidadã de nossa juventude tem uma lacuna imensa entre ser um estudante alfabetizado e ser um leitor competente; entre ser um jovem estudante crítico e consciente de sua realidade e um estudante com nível de letramento (SOARES, 2002) muito aquém de sua série de ensino e idade escolar. Por isso a charge apresenta-se como um suporte textual didático que possa preencher de forma proficiente essas defasagens que são tão bem conhecidas por quem atua com jovens alunos, no ensino médio.

4. Considerações Finais

O desenvolvimento da leitura de qualquer pessoa denota o quanto esse conhecimento interfere diretamente na capacidade desse indivíduo desenvolver-se plenamente em seus aspectos pessoais, cognitivos, sociais, culturais e políticos, dentro de qualquer sociedade. (LAJOLO, 1982)

Por isso a dimensão plurissignificativa da realidade que a charge apresenta em sua forma e conteúdo, e também no que se refere ao seu gênero discursivo/interdiscurso semiótico, é o que traz a inovação mais eficaz ao propósito formativo da reconstrução da habilidade leitora e cidadã de nossa juventude, intencionando, assim, aprimorar e aprofundar a investigação

sobre os mecanismos de representação e formação cidadã nos jovens leitores de nosso tempo, apresentando-lhes através da charge uma nova forma de ler e intervir em sua realidade, com mais proficiência, crítica e bom humor.

5. Bibliografia

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2001.
- _____. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Hucitec, 2001.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso Político*. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHAUÍ, Marilena. *Simulacro e Poder: uma análise da mídia*. São Paulo: Ed. Fund. Perseu Abramo, 2006.
- FERREIRA, Edilaine Gonçalves. *Charge: uma abordagem parodística sobre a realidade*. Dissertação de Mestrado em Linguagem, Cultura e Discurso. Universidade Vale do Rio Verde, Unincor, 2006.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três textos que se completam*. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1983.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2010.
- LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- LDBN, Lei de Diretrizes e Bases Nacional (9396/96). MEC - Ministério da Educação e Cultura: Brasília, 1996.
- LUCAS, Fábio. *Literatura e Comunicação na Era da Eletrônica*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos Discursos*. Curitiba: Criar Edições, 2007.
- SOARES, Magda. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura*. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.
- _____. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Authêntica, 2002.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Ática, 2004.

